

Sociologia

TEXTO I

As condições de vida de mulheres e homens não são produtos de um destino biológico, mas, sim, fruto de construções sociais que têm como base material o trabalho e se exprimem através de uma divisão social do trabalho entre os sexos. Essa *divisão sexual do trabalho* reflete o fato que a maioria dos homens exerce suas atividades no mercado de trabalho capitalista (o chamado "trabalho produtivo") e as mulheres dividem seu tempo "naturalmente" entre a produção de mercadorias fora de casa e a realização das tarefas domésticas relativas aos cuidados da família (o dito "trabalho reprodutivo"). O trabalho reprodutivo tem um grande significado para o bem-estar do ser humano. Porém, como não tem caráter mercantil, é ignorado pelas ciências econômicas e desvalorizado pela sociedade, que dele depende para se reproduzir. Assim, a divisão sexual do trabalho está no cerne da argumentação do pensamento feminista sobre as diferenças entre o papel feminino e o masculino.

(Pereira de Melo, Hildete; Castilho, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? Rev. econ. contemp. vol.13 no.1 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2009)

TEXTO II



(Quino. Toda Mafalda. Martins Fontes, 2000)

TEXTO III

Quadro 3: Falta de tempo na Índia: “Não tenho tempo nem para morrer”

Buchhu Devi acorda às três da manhã para cozinhar, limpar a casa e preparar o café da manhã e o almoço para sua família. Há um poço perto da sua casa, mas, por pertencer à casta dalit (a mais baixa da sociedade indiana), ela não tem permissão para usá-lo. Assim, Buchhu precisa andar três quilômetros para buscar água. Ela faz isso três vezes por dia. Buchhu afirma que trabalha em um canteiro de obras das 8h às 17h e, após o expediente, precisa realizar suas tarefas domésticas noturnas: buscar água e lenha, lavar roupa, cozinhar, limpar a casa e ajudar seus filhos com tarefas escolares. O dia dela termina à meia-noite. Se ela não busca lenha, a família não tem como comer e seu marido costuma espancá-la por conta disso. Ela diz: “Não tenho tempo nem para morrer, porque todos me amaldiçoariam... Quem cuidará deles e trará dinheiro para casa quando se eu morrer?”

Fonte: Dutta, Diya. (2019). ‘No work is Easy! Notes from the Field on Unpaid Care Work for Women’, *Mind the Gap: The State of Employment in India 2019*, Oxfam India. <https://www.oxfamindia.org/Mind-Gap-State-of-Employment-in-India>

TEXTO IV

As mulheres e meninas que assumem essa responsabilidade têm pouco tempo para si mesmas e, portanto, não conseguem satisfazer suas necessidades básicas ou participar de atividades sociais e políticas. Na Bolívia, por exemplo, 42% das mulheres afirmam que o trabalho de cuidado constitui o maior obstáculo à sua participação na política. (Max Lawson, Anam Parvez Butt, Rowan Harvey, Diana Sarosi, Clare Coffey, Kim Piaget e Julie Thekkudah. Oxfam Internacional, janeiro de 2020)

QUESTÃO 1 (ENEM 2013)



-Havera' ainda quem resista a'
poderosa influencia do partido Mulherista.?!

Na imagem, da década de 1930, há uma crítica à conquista de um direito pelas mulheres, relacionado com a

- A) redivisão do trabalho doméstico.
- B) liberdade de orientação sexual.
- C) garantia da equiparação salarial.
- D) aprovação do direito ao divórcio.
- E) obtenção da participação eleitoral.

QUESTÃO 2 (ENEM 2017)



Fotografia de Augusto Gomes Leal e da ama de leite Mônica, cartão de visita de 1860.

KOUTSOUKOS, S. S. M. Amas mercenárias: o discurso dos doutores em medicina e os retratos de amas – Brasil, segunda metade do século XIX. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org>. Acesso em: 8 maio 2013.

A fotografia, datada de 1860, é um indício da cultura escravista no Brasil, ao expressar a

- A) ambiguidade do trabalho doméstico exercido pela ama de leite, desenvolvendo uma relação de proximidade e subordinação em relação aos senhores.
- B) integração dos escravos aos valores das classes médias, cultivando a família como pilar da sociedade imperial.
- C) melhoria das condições de vida dos escravos observada pela roupa luxuosa, associando o trabalho doméstico a privilégios para os cativos.
- D) esfera da vida privada, centralizando a figura feminina para afirmar o trabalho da mulher na educação letrada dos infantes.
- E) distinção étnica entre senhores e escravos, demarcando a convivência entre estratos sociais como meio para superar a mestiçagem.

QUESTÃO 3 (Unicamp 2017)

A dona de casa entre as classes populares urbanas é uma personagem maior e majoritária. A dona de casa não tem muitas papas na língua. Muitas vezes é uma rebelde, tanto na vida privada quanto na vida pública. E não raro paga um alto preço por isso, como alvo principal de violências que podem chegar ao crime “passional”.

(Adaptado de Michelle Perrot, “Figuras e papéis”, em Philippe Ariès (org.), História da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4, p. 146.)

A mulher das classes populares nas sociedades urbanas do século XIX na Europa

- A) tinha múltiplas funções, como educar os filhos, cuidar da casa e administrar as finanças, mas vivia restrita ao espaço doméstico e por isso sua rebeldia era punida com violência.
- B) era responsável pelo trabalho doméstico e muitas vezes tinha uma jornada dupla, pelo trabalho externo que realizava em fábricas, pequenos comércios e outros serviços.
- C) sofreu estigma e violência por revolucionar os costumes e liderar o movimento de conquista do voto feminino.
- D) contrariava o senso comum de ser cordata e obediente, pois sua condição social indicava que não tinha referencial de uma boa educação.